



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS DO SERTÃO – DELMIRO GOUVEIA
CURSO DE LETRAS - LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

Maria Elizabete do Nascimento Barboza

**ENSINO DE LITERATURA ENTRE O PRESENCIAL E O REMOTO:
os desafios na sala de aula de Língua Portuguesa na Escola Municipal de E. B. Mons.
Alúcio Viana Martins, em Mata Grande, Alagoas**

Delmiro Gouveia – AL
2023

Maria Elizabete do Nascimento Barboza

**ENSINO DE LITERATURA ENTRE O PRESENCIAL E O REMOTO:
os desafios na sala de aula de Língua Portuguesa na Escola Municipal de E. B. Mons.
Alúcio Viana Martins, em Mata Grande, Alagoas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do curso de licenciatura em Letras/português da Universidade Federal de Alagoas – UFAL/*Campus* Sertão como requisito para obtenção do grau de licenciado em Letras, habilitação Língua Portuguesa.

Orientador: Prof.º Dr. Márcio Ferreira da Silva

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza – CRB-4/2209

B238e Barboza, Maria Elizabete do Nascimento

Ensino de literatura entre o presencial e o remoto: os desafios na sala de aula de Língua Portuguesa na Escola Municipal de E. B. Mons. Aluísio Viana Martins, em Mata Grande, Alagoas / Maria Elizabete do Nascimento Barboza. – 2023.

45 f.

Orientação: Márcio Ferreira da Silva.

Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2023.

1. Língua Portuguesa. 2. Ensino e aprendizagem. 3. Ensino remoto. 4. Ensino presencial. 5. Ensino de Literatura. 6. Pandemia. 7. COVID-19. 8. Educação básica. I. Silva, Márcio Ferreira da. II. Título.

CDU: 37.18.43:

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Maria Elizabete do Nascimento Barboza

ENSINO DE LITERATURA ENTRE O PRESENCIAL E O REMOTO: os desafios na sala de aula de Língua Portuguesa na Escola Municipal de E. B. Mons. Aluísio Viana Martins, em Mata Grande, Alagoas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do curso de licenciatura em Letras/português da Universidade Federal de Alagoas – UFAL/*Campus* Sertão como requisito para obtenção do grau de licenciado em Letras, habilitação Língua Portuguesa.

Aprovado em 26/09/2023.

Documento assinado digitalmente
 **MARCIO FERREIRA DA SILVA**
Data: 27/09/2023 11:27:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva (UFAL)
Orientador

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **MARILZA PAVEZI**
Data: 26/09/2023 19:00:28-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Marilza Pavezi (UFAL)
Examinadora Externa

Documento assinado digitalmente
 **PAULO JOSE SILVA VALENÇA**
Data: 27/09/2023 14:22:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Paulo José Silva Valença (UFAL)
Examinador Interno

AGRADECIMENTOS

A Deus, por dar a força necessária em todos os momentos da minha vida e por iluminar minha mente em dias difíceis e pela proteção Divina.

A minha mãe, Eva, por ser a minha base e minha inspiração. Pelo imenso amor dedicado a mim e a toda nossa família. Pela extrema força ao lidar com todas as dificuldades da vida. Por todos os conselhos e conversas orientando o caminho certo para que eu pudesse seguir. Por ser o motivo principal para que eu, minhas irmãs e irmão pudéssemos ser matriculados em uma escola, a primeira batalha foi protagonizada por ela. As primeiras letras a pessoa que nos ensinou foi a senhora. Sei o quanto a educação é importante porque sempre nos contou o quanto gostaria de estudar, mas não pôde. Assim, todo esforço, dedicação e persistência durante todos esses anos, faço por mim, pela senhora, por nós e todas as mulheres que um dia sacrificaram a educação pela família ou outro motivo.

Ao meu pai, Bartolomeu, pelo amor e proteção dedicados à nossa família. Por estar ao meu lado ajudando a resolver atividades escolares. Por me levar para escola nos primeiros anos de aula. Anos difíceis e importantes para nossa formação.

As minhas irmãs (Eliziane e Terezinha) e meu irmão (Damião). Vocês são muito importantes em minha vida, minha inspiração por tanta dedicação que possuem nos estudos. Especialmente Eliziane, pelos conselhos, cobranças e preocupação com a escrita deste trabalho. Terezinha, pelas cobranças em forma de brincadeiras equilibrando a situação.

Ao meu querido avô, Manoel, por ser um grande incentivador dos estudos desde sempre. O pouco que aprendeu na escola foi o suficiente para aprender a ler e nos ensinar muito sobre Fé. Homem de grande sabedoria e alegria. Sua ajuda foi crucial para que conseguisse terminar os estudos.

A minha querida avó, Irenita, (*in memoriam*), com todo amor e gratidão. Exemplo de mulher, de força e positividade. Orgulhosa pelas netas e netos conseguirem estudar (para ela aprender a escrever o próprio nome, suportou as dores da palmatória). Uma grande incentivadora dos nossos estudos. Se preocupou até dias antes de partir com a escrita deste trabalho. Gratidão vó.

A minha avó do coração, Rizalva, pelo seu acolhimento de sua filha (Meire) como parte da família desde o primeiro momento que precisei de um lugar para morar, enquanto trabalhava e estudava Letras. Pelo amor, carinho e conselhos de sempre. Por me ensinar muito sobre Fé. Pelo exemplo de mulher guerreira que és e por todas as orações por mim.

A minha querida professora, amiga e conselheira, Luzimeire (Meire). Foi a partir de suas aulas diferenciadas de Língua Portuguesa no Ensino Médio que descobri o gosto pela área. Agradeço por ser ouvinte das ideias deste trabalho e pela leitura do mesmo. Gratidão por tanto carinho, pelas conversas e grandes conselhos sobre a vida. Que a partir de exemplos dos grandes desafios que já enfrentou mostra, que sempre há um motivo pelo qual devemos agradecer e ser feliz.

A minha querida amiga, Livia Barreto, pela amizade. Por ouvir, acolher alguns desabafos, ser inspiração e pelos conselhos. Por ser uma leitora ansiosa deste trabalho e pelas sugestões feitas. Pelo carinho desde o primeiro momento em que nos conhecemos.

Ao meu querido orientador, Prof. Márcio Ferreira da Silva, pela contribuição significativa na elaboração deste trabalho monográfico. Grata por todas as orientações desde o início desta jornada. Grata pelas aulas ministradas durante o curso, foi a partir delas que minha decisão pelo curso foi confirmada como um acerto. Pelos encontros do NELA - Núcleo de Estudos em Literatura Alagoana, que foram muito importantes durante todo esse tempo.

Aos professores da banca, Marilza Pavezi e Paulo José Valença por aceitarem o convite.

A UFAL-Campus do Sertão, pelas seguintes bolsas concedidas BPG, Monitoria (colaboradora) e PIBID (colaboradora) e a todos professores e funcionários do campus.

Ao projeto de extensão universitária Coro do Sertão da UFAL - Campus Sertão e a todos que fazem deste grupo, regente, coordenadores, coralistas, colaboradores, músicos...

Aos amigos Veneza Gonçalves, Jessé, Murilo, Dinho, Ana Marques, Jordânia, Evelyn, Wires, Jose Cicero, J. Roberto, Caique, Erik, Rosimere, Tereza Alice (TO), Antony (BA) e todos próximos a mim, sintam-se contemplados.

A Escola Monsenhor Aloísio Viana Martins por contribuir com esse trabalho.

A todos que fazem parte da equipe do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Mata Grande e da FETAG-AL - Federação dos Trabalhadores e Agricultores de Alagoas.

À família, minha base e refúgio em todos os momentos. Especialmente à minha mãe, grande exemplo de mulher, de força, amor e bondade. À minha querida avó (in memoriam) por todo amor, carinho e confiança direcionados a mim.

[...] em literatura as formas 'significam' de modo total, isto é: constituem um objeto de contemplação; denotam um sentido; remetem a significados não aparentes [...]

(CANDIDO, 1992, p. 242).

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo a análise dos impactos do ensino presencial e remoto, durante a pandemia da Covid-19, na sala de aula de Língua Portuguesa, centrado no ensino de literatura, cuja experiência advém da disciplina de Estágio Supervisionado do curso de Letras, da Universidade Federal de Alagoas-UFAL, Campus do Sertão. A pesquisa se justifica diante da necessidade de observar as práticas de ensino presencial e remoto durante a pandemia de Covid-19 em escolas do Alto Sertão alagoano, aqui nosso recorte é a Escola Municipal de E. B. Mons. Aluísio Viana Martins, em Mata Grande, Alagoas. Para construção dos caminhos da pesquisa, a metodologia se deu na observação e regência da disciplina de Estágio Supervisionado em sala de aula de Língua Portuguesa, na referida escola, entre os anos de 2019 e 2020, antes e depois da pandemia. Acredita-se que é um desafio falar de literatura e ensino no contexto atual. Por esse motivo, faz-se necessário buscar compreender as ações que levam a presença do texto literário em sala de aula, que muitas vezes surgem como mero empenho gramatical, evitando discussões e debates sobre o texto. A pesquisa é qualitativa e de cunho bibliográfico, e valeu-se também dos relatórios das disciplinas dos Estágios Supervisionados, que compõem 400 horas práticas. Como prováveis resultados da pesquisa, buscou-se observar como o ensino de literatura ganha importância para a formação humana, para a escola e para o aluno, bem como destacar a presença do texto literário nas aulas de literatura do ensino fundamental, procurando estabelecer uma relação entre o ensino de literatura e as práticas de leitura literária observadas na sala de aula de Língua Portuguesa. Para construção da fundamentação teórica, buscou-se alguns autores como: Ceccon (2013), Zilberman (2008), Magnani (2001), Candido (2011), Moisés (1987), Todorov (2020), Kleiman (2016), Cosson (2010, 2020) Antunes (2014, 2003). Lotterman & Pinheiro (2022).

Palavras Chaves - Literatura. Ensino. Remoto. Práticas de Ensino. Covid-19.

ABSTRACT

This research aims to analyze the impacts of face-to-face and remote teaching, during the Covid-19 pandemic, in the Portuguese Language classroom, centered on the teaching of literature, whose experience comes from the discipline of Supervised Internship of the Letters course, of the Universidade Federal de Alagoas-UFAL, Campus Sertão. The research is justified by the need to observe the practices of face-to-face and remote teaching during the Covid-19 pandemic in schools in the Alto Sertão of Alagoas, here our cut is the Municipal School of E. B. Mons. Aluísio Viana Martins, in Mata Grande, Alagoas. To build the research paths, the methodology was given in the observation and conduction of the discipline of Supervised Internship in the Portuguese Language classroom, at the school between 2019 and 2020, before and after the pandemic. It is believed that it is a challenge to talk about literature and teaching in the current context. For this reason, it is necessary to seek to understand the actions that lead to the presence of the literary text in the classroom, which often arise as mere grammatical effort, avoiding discussions and debates about the text. The research is qualitative and bibliographical, and also made use of the reports of the disciplines of the Supervised Internships, which make up 400 practical hours. As probable results of the research, it was sought to observe how the teaching of literature gains importance for human formation, for the school and for the student, as well as to highlight the presence of the literary text in the literature classes of elementary school, seeking to establish a relationship between the teaching of literature and the practices of literary reading observed in the Portuguese Language classroom. To build the theoretical foundation, we sought some authors such as: Ceccon (2013), Zilberman (2008), Magnani (2001), Candido (2011), Moisés (1987), Todorov (2020), Kleiman (2016), Cosson (2010, 2020) Antunes (2014, 2003). Lotterman & Pine (2022).

Key Words: Literature. Teaching. Remote. Teaching Practices. Covid-19.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. POR QUE ENSINAR LITERATURA?.....	14
2.1. Escola e literatura: avessos?.....	14
2.2. A literatura serve para quê?.....	18
3. ENTRE O PRESENCIAL E O REMOTO: A SALA DE AULA DE LITERATURA E A PRESENÇA DO TEXTO LITERÁRIO.....	22
3.1. O que a escola faz do texto literário.....	22
3.2. O que o aluno faz do texto literário.....	26
4. A PRESENÇA DO TEXTO LITERÁRIO NA ESCOLA MUNICIPAL DE E. B. MONS. ALUÍSIO VIANA MARTINS.....	29
4.1. Problemas do ensino de literatura na escola.....	29
4.2. O isolamento do texto e os significados do texto literário.....	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	42

1. INTRODUÇÃO

Atualmente as novas configurações sociais e tecnológicas oferecem informações de diversas formas, ampliando o modo de aquisição do conhecimento. No que diz respeito à literatura, mudanças também são perceptíveis nesse campo e passíveis de reflexão. Nesse contexto, é complexo construir uma conceituação para o termo literatura. No entanto, à medida que se costumam os retalhos de sentidos diferentes, a colcha de definições se complementa, tornando possível o entendimento. Podemos inicialmente pensar a literatura como matéria importante para o desenvolvimento pessoal ou intelectual do ser humano.

É verídico afirmar que a literatura suscita no indivíduo adquirir novos saberes, ampliando seu conhecimento de mundo. Pensando “a literatura - no sentido moderno - é a arte da palavra, falada ou escrita” (FRANCHETTI, 2021, p. 29), quando o indivíduo vivencia a literatura, pode ser transformado por ela, uma das características principais quando um indivíduo vive alguma experiência com a arte, cada uma das atividades artísticas existentes possui sua condição própria de provocar o indivíduo, chamando-o para reflexão.

Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) indica como a 9ª competência específica de Língua Portuguesa no ensino fundamental o envolvimento dos alunos em práticas de leitura literária, valorizando assim a literatura, entre outras manifestações artísticas (BRASIL, 2018).

De acordo, então, com a reflexão acima, a literatura é imprescindível para a formação humana. Dada essa importância, defendemos aqui o ensino de literatura na escola, espaço formativo democrático e oportuno para que o indivíduo tenha acesso aos conhecimentos básicos, incluindo a experiência literária. Sendo assim, compreende-se o quanto é crucial o ensino de literatura ser desenvolvido com qualidade com os alunos desde o ensino fundamental.

Com relação a essa discussão, Dalvi (2013, p.25) contribui ao levantar o dado de que “a escassez de práticas de leitura/escuta literária desde a educação infantil vêm prejudicando o ensino-aprendizagem de literatura nos anos finais do ensino fundamental e em todo o ensino médio”, ou seja, as consequências daquilo que não é priorizado nos anos iniciais, provoca prejuízos ao longo de toda a educação básica, assim o trabalho na primeira etapa requer valorização e dedicação.

Considerando tais circunstâncias, compreende-se a necessidade de que alunos dos cursos de Licenciatura em Letras, durante as etapas do estágio, já conheçam de perto a

realidade do sistema escolar, observando como ocorrem as aulas, a participação dos alunos, a postura do professor e a participação da comunidade escolar em geral. A referida pesquisa é fruto dessa etapa obrigatória para o curso de Letras da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão Sede. Foram considerados para a escrita deste trabalho os dois estágios vivenciados pela pesquisadora na etapa do Ensino Fundamental.

O primeiro contato com a escola, alunos e professores foi no Estágio Supervisionado 1, disciplina cumprida no período 2019/1, realizado com as turmas dos 7^{os} anos “C e D” do período vespertino. O segundo contato com o público do Ensino Fundamental foi no Estágio Supervisionado 3, disciplina cumprida no período 2020/1 durante a pandemia de Covid-19, com as turmas do 6^o e 7^o anos, que só pôde acontecer no ano de 2021 devido ao período pandêmico, no formato de ensino remoto. Sabe-se que foi necessário um tempo considerável para que escolas e universidades pudessem encontrar uma maneira para que o ensino voltasse a ser uma realidade. Realidade essa que inicialmente só foi possível de forma virtual.

Durante a construção da presente pesquisa, a pandemia da Covid-19 se propagava. De acordo com a atualização do Ministério da Saúde de 19/05/2023, somente no Brasil são cerca de 37.553.337 casos registrados da doença e cerca de 702.421 óbitos registrados (BRASIL, 2023). Essa crise mundial sanitária e humanitária afetou consideravelmente a saúde das pessoas, as relações, o mercado, bem como o sistema educacional. As pessoas foram desafiadas a pensar e buscar alternativas de continuar trabalhando, estudando e vivendo diante da necessidade sanitária de que ficassem em suas casas.

Priorizando a questão educacional, é visível perceber uma diferença considerável antes e pós-pandemia. De fato, essa diferenciação não é o foco central do trabalho, porém não há como esquecer o quanto o ensino sofreu influência nesse processo, e, conseqüentemente, o ensino de literatura no ensino fundamental.

Nesse sentido, a presente pesquisa monográfica, cujo tema traz alguns avessos e sugestões nas práticas do ensino de literatura, tem como objetivo geral refletir sobre a presença do texto literário nas aulas de literatura do ensino fundamental durante os ensinoss presenciais e remotos, durante a pandemia do Covid-19, a partir da realização de um estudo bibliográfico, relacionando com as práticas observadas na primeira etapa do estágio obrigatório do curso de Letras com os alunos do 6^o e 7^o anos do Ensino Fundamental da Educação Básica em Mata Grande, Alagoas. A pesquisa buscou também desenvolver uma revisão bibliográfica acerca da importância do ensino de literatura; identificar aspectos relevantes do texto literário nas aulas de literatura; analisar a relação entre o ensino de literatura e as práticas de leitura literária observadas durante o estágio obrigatório.

O texto está organizado estruturalmente em três seções. A primeira, *Por Que Ensinar Literatura*, possui duas subdivisões: *A literatura serve para quê?* e *Escola e literatura: avessos?* Para desenvolvimento desses tópicos, buscou-se embasamento em alguns teóricos tais como: Candido (2011), Moisés (1987), Cosson (2010), Todorov (2020) entre outros que juntos costuram a colcha de sentidos acerca da importância da literatura para a formação do indivíduo.

A segunda seção, intitulada *Entre o presencial e o remoto: A sala de aula de literatura e a presença do texto literário*, foi subdividida em dois tópicos, a saber: *O que a escola faz do texto literário?* e *O que o aluno faz do texto literário*. Ali, problematizamos os desafios enfrentados na escola no ensino e no ensino remoto diante da Covid-19, visando estudar a presença e construção de uma efetiva formação do leitor literário, a partir dos estudos de Irlandé (2003, 2019), Cereja (2005), Cosson (2010), Kleiman (2016) e Lajolo (2008).

E a última seção, denominada *A presença do texto literário na Escola Municipal de E. B. Mons. Alúcio Viana Martins*, traz as seguintes subdivisões: *Problemas do ensino de literatura na escola*; e *O Isolamento do texto e os significados do texto literário*, seguindo os estudos de Lottermann & Pinheiro (2022), Saviani (2012) e Zilberman (2008). Nesse capítulo, abordamos os impactos que os estudantes do Estágio Supervisionado do curso de Letras, da Universidade Federal de Alagoas-UFAL, Campus do Sertão, encontraram na escola e na sala de aula de Língua Portuguesa, mais especificamente no ensino de literatura, diante das consequências da pandemia Covid-19 e do acesso à tecnologia naquele momento.

2. POR QUE ENSINAR LITERATURA?

2.1. Escola e literatura: avessos?

As artes, a literatura, a poesia são uma ciência, tal como a química. Seu assunto é o homem, a humanidade e o indivíduo.

(POUND, Ezra, 1976, p.58).

Pensar no ensino de uma maneira geral, nos leva a refletir quase que imediatamente sobre os desafios atuais enfrentados no processo educativo. As novas configurações sociais, tecnológicas e culturais demandam um ensino que se volte para essas questões, promovendo aprendizados que levem os estudantes a se posicionar diante do mundo, construindo habilidades variadas para lidar com as mais diversas situações na vida pessoal, escolar/acadêmica e profissional, como está proposto nas 10 competências gerais da BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

De maneira bem resumida, as dez competências gerais da BNCC valorizam o conhecimento, a capacidade intelectual, científica, crítica e criativa, a cultura, o domínio de diferentes linguagens, a compreensão e criação de tecnologias, as relações no trabalho e no projeto de vida, a argumentação, o autoconhecimento e autocuidado, a empatia, diálogo e cooperação, a responsabilidade e cidadania (BRASIL, 2018).

Voltando a atenção especificamente para o ensino de literatura na escola (recorte de pesquisa deste trabalho), percebemos que trabalhar na área atualmente é um grande desafio. Chamar e prender a atenção do aluno para o campo literário, através das práticas de leitura ou escrita literárias, torna-se de certo modo uma competição com as diversas maneiras de entretenimento em circulação, TV, cinema, redes sociais entre outros. Como afirma Magnani (2001), a educação acaba por concorrer com os meios de comunicação de massa. Como observado na Escola Municipal de Educação Básica Mons. Aluísio Viana Martins em Mata Grande Alagoas, boa parte dos alunos está sempre antenada com a viralização de conteúdos cômicos das mídias sociais, um desafio para os profissionais ao lidar com situações como essa na escola.

Parece que tudo é mais interessante e atrativo do que o estudo, uma vez que “os meios de comunicação de massa transformaram definitivamente o cenário da expressão cultural, redefinindo o lugar social da leitura e da literatura” (COSSON, 2010, p. 56). Em vista disso, é viável que o acesso à literatura seja facilitado pelos recursos tecnológicos, inserindo-se no meio virtual. Hoje já é possível ter em mãos um único dispositivo digital que armazena uma

biblioteca vasta. Textos de diversas características aparecem na tela com frequência. Com isso, facilita-se um acesso mais democrático do texto pelas pessoas, porque se oferecem formas alternativas mais baratas.

No capítulo “O fim da literatura” Perrone-Moisés problematiza essa concepção do fim da literatura, preocupação anunciada por vários teóricos citados por ela. E, ao fim do capítulo, afirma que “a literatura atual, em suas variadas vertentes, mostra que o cadáver está bem vivo” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 26). Ou seja, a literatura ainda continua viva, percorrendo caminhos, assumindo possibilidades diferentes diante do contexto vivenciado.

E, para trabalhar com o ensino de literatura, a escola e, conseqüentemente, o professor, enfrentam o grande desafio de procurar maneiras de manter a atenção do aluno em sala de aula, mais difícil ainda, envolvê-lo com a leitura do texto literário, tendo em vista que, como enfatiza Zilberman (2008), é a partir da leitura literária que o aluno se aproxima da literatura. O desafio de envolver o aluno através do texto literário é potencializado, quando o professor se vê diante de uma turma com alunos com características e realidades particulares, a exemplo do caso vivenciado na escola campo de estágio, na qual vários estudantes são provenientes da cidade e outros da zona rural do município.

Levando em consideração esses primeiros desafios apontados em relação à educação e ao ensino de literatura, vamos refletir um pouco sobre a pergunta: “Por que ensinar literatura?” Efetivamente, nos inquietamos, pois, a resposta não é simples nem imediata, sua importância para a formação do pensamento crítico e empatia dos seres humanos é grande demais para ser resumida em poucas palavras. Os efeitos da leitura de textos literários vão muito além da familiarização com o idioma, a gramática, o vocabulário: a literatura apresenta novas culturas, novas formas de pensar e sentir, novas geografias e outras perspectivas da história. A literatura dá à humanidade uma riqueza muito maior do que dinheiro: a oportunidade de sermos ainda mais humanos.

Como o ensino de literatura é parte do conteúdo programático e obrigatório do currículo escolar, é possível mencionar alguns dos desafios enfrentados pela educação ao longo das décadas, dentre, elas a superlotação das classes, a longa jornada de trabalho dos professores, mais a desvalorização salarial, desmotivação relacionada ao ensino, tanto dos alunos quanto dos professores, entre vários outros problemas que interferem direta ou indiretamente na aprendizagem dos estudantes.

Ao refletir sobre o fracasso escolar, Ceccon (2013, p. 30) afirma que “são sobretudo as crianças provenientes das camadas populares e do meio rural que fracassam na escola e são forçadas a interromper seus estudos”. Se o grande número de fracassos ocorre em um

determinado grupo, a culpa pelo fracasso escolar é posta por muitos na própria vítima, o estudante, sob a justificativa de possuir muitos problemas emocionais, ser desajustado, ou então o fracasso se dá pela situação de pobreza vivida pela família do aluno (CECCON, 2013). Essa é uma das problemáticas educacionais complexas a serem compreendidas, e não é o foco desta pesquisa. Porém, não se pode fechar os olhos para essa difícil realidade.

A Lei de Diretrizes e Bases Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, diz ser a “educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade”. Como um componente que faz parte do currículo escolar, a literatura, dada sua importância para a formação humana, precisa ser trabalhada com os alunos efetivamente nesse espaço de tempo, fazendo-se presente durante toda a educação básica.

Sendo assim, todos podem teoricamente ter acesso ao ensino de maneira igual. O sucesso dependeria apenas do esforço de cada um, mas acontece que a realidade escolar “produz muito mais fracassos do que sucessos [...] só educa e instrui uma minoria. A grande maioria é excluída e marginalizada” (CECCON, 2013, p. 23). De fato, no Brasil a educação é um privilégio de minorias, realidade difícil de se admitir (CANDIDO, 2011). Se apenas poucos alcançam sucesso e conseguem concluir a educação básica, significa dizer que o acesso à literatura também está restrito apenas a uma minoria?

Mesmo levando em consideração que o elevado índice de analfabetos existentes no Brasil, recuou de 6,1%, em 2019, para 5,6%, em 2022, ele ainda continua alto, principalmente entre pessoas idosas, pretos e pardos e região nordeste do país, de acordo com dados do censo do IBGE 2022. Dentre esses números, o estado de Alagoas é o segundo com maior número de analfabetismo registrado, com 14,4%. Ao observar essa realidade, é cabível afirmar que boa parte da população não tem acesso à leitura e, conseqüentemente, não tem acesso à literatura.

Considerando a literatura como um bem cultural, é um dos direitos assegurados pela Constituição Federal do Brasil. No artigo 215, temos a seguinte norma: “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”. No artigo seguinte, de nº 216, consideram-se como um patrimônio cultural bens materiais e imateriais, dentre eles o que consta no inciso III - “as criações científicas, artísticas e tecnológicas” [BRASIL, Constituição (1988)]. Neste âmbito, incluem-se todas as formas de expressão estética, dentre elas a literatura, que, enquanto linguagem artística, cumpre um importante papel diante da sociedade.

Candido (2011), em seu ensaio intitulado “O direito à literatura”, reflete sobre o acesso à literatura pela sociedade. Para isso, traz um conceito do sociólogo francês Louis-Joseph

Lebret sobre os bens incompressíveis, que são inegáveis às pessoas, e bens compressíveis, como cosméticos e outras coisas supérfluas. Segundo o crítico literário, para classificar um bem na categoria dos direitos humanos, depende-se da forma como as pessoas individual ou coletivamente definem certos bens como indispensáveis. Isso pode variar muito em cada época, cultura e classe, o que é indispensável para uma pode não ser para outra.

Refletindo agora como o sistema de ensino vem trabalhando a literatura, observa-se que, ao longo das últimas décadas, mudanças significativas ocorreram no sistema de ensino e no mundo como um todo. Com tantas transformações, a escola busca criar estratégias de adaptação à nova realidade, pois é perceptível que essas mudanças têm interferido no universo escolar.

É necessário analisar se o sistema de ensino caminha junto com as mudanças, adaptando a maneira de lidar com seu público: alunos, profissionais da educação, pais e comunidade. Além disso, compreender a quem as escolas estão servindo e qual o objetivo principal do ensino atualmente, são alguns dos questionamentos que perpassam as rodas de debates e pesquisas educacionais.

Buscando compreender melhor essa problemática, é inquietante perceber que a maioria das escolas possuem a forte preocupação de que seus estudantes possuam uma boa pontuação nos vestibulares e outros exames avaliativos da qualidade de ensino da escola. Em vez disso, a “promoção da vida”, como nomeia Antunes (2014), era o que deveria ser foco prioritário, compreendendo que é necessário desenvolver saberes úteis para a vida das pessoas pós-vestibular, pois a vida não para aí. Existe uma gama de circunstâncias a ser enfrentadas vida afora, que vai do ambiente acadêmico e profissional ao sociocultural.

De fato, na realidade em que vivemos, ser aprovado em um vestibular tem enorme peso na vida de um estudante, significa que ele conseguiu a oportunidade de cursar uma faculdade, para que possa ter uma profissão no fim do curso e poder finalmente trabalhar, conquistando assim sua autonomia financeira.

De certa forma, essas etapas fazem parte de uma cadeia, na qual o objetivo final acaba sendo o mercado de trabalho, cujo reflexo advém de décadas atrás, pois “À medida que a industrialização avançou, ensinar virou sinônimo de suprir mão-de-obra para o mercado” como afirma Venturelli (1990, p. 262), assim favorecendo os interesses da elite.

Mészáros (2008) nos ajuda a compreender um pouco sobre o mundo do trabalho no livro “Educação para além do capital”. De acordo com ele, é preciso superar a lógica do capital na qual o indivíduo trabalha de maneira alienante, para uma reforma na qual o trabalho

é algo que faz parte da vida, algo possível através de processos educativos amplos. A educação de forma ampla é um contínuo processo de aprendizagem.

É complexo discutir essa temática, tendo em vista que trabalhar faz parte de uma das necessidades da vida. E como as transformações sociais e tecnológicas não param de acontecer, estudos sobre esses processos também não. É em meio a esse cenário que o ensino trilha seus desafios e avanços. Nesse sentido, compartilhamos a seguinte reflexão de Libâneo (2011) sobre os objetivos defendidos para uma educação de qualidade:

Formação para a cidadania crítica, isto é, formar um cidadão-trabalhador capaz de interferir criticamente na realidade para transformá-la e não apenas formar para integrar o mercado de trabalho. A escola deve continuar investindo na ajuda aos alunos a se tornarem críticos, a se engajarem na luta pela justiça social, a situarem-se competente e criticamente no sistema produtivo (LIBÂNEO, 1996a apud LIBÂNEO, 2011, p. 26, grifo do autor).

Quando se fala em ajudar os estudantes a se tornar cidadãos críticos do mundo em que vivem, vê-se aqui uma aproximação com a importância do ensino de literatura. Credo que “o papel da escola é o de formar leitores críticos e autônomos capazes de desenvolver uma leitura crítica do mundo” (SILVA, 2006, p. 515), percebemos mais uma vez uma das contribuições da literatura no sistema educacional para a formação humana, pois, através da literatura o ser humano é posto diante de situações fictícias que instigam a reflexão das circunstâncias sociais em que vive, como já comentado anteriormente.

Levando em consideração essas problematizações iniciais, percebe-se cada vez mais que ainda há bastante trabalho e esforço para que o ensino de literatura nas escolas ganhe o *status* como área importante para formação humana, que somente através dela é possível ser livre, ser crítico do mundo e das condições em que se vive, e assim se podem tomar decisões pensando em mudar situações de opressão, seja na transformação da sua vida em particular ou da comunidade ao redor.

2.2. A literatura serve para quê?

Sabemos que o ensino de literatura nos dias de hoje enfrenta vários desafios, sendo um deles, o de atuar paralelamente com a multiplicidade dos meios de comunicação de massa e as diversas formas de entretenimento oferecido. Pensando dessa maneira, coloca-se a literatura também como uma forma de entretenimento e, de fato é, no entanto, não consiste apenas nisto como a maioria das pessoas acredita. A literatura vai muito além da simples distração. Com relação a esse aspecto, Moisés (1987) diz que a arte literária não deve se reduzir a uma forma

banal de entretenimento. Mas quando ela é entretenimento, é de modo superior pelo fato de possibilitar conhecer o mundo e o homem.

Complementando a ideia acima, podemos afirmar que “longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano” (TODOROV, 2020, p. 24), ou seja, nos torna capaz de sensibilizarmo-nos com as dores e angústias do outro, ao mesmo tempo que questionamos os problemas reais e suas causas, buscando possíveis soluções ou paliativos.

Já Moisés (1987, p. 44, grifo do autor) ao citar a obra de S. I. Hayakawa, *A Linguagem no pensamento*, reflete sobre a importância da experiência literária para a humanidade pois:

[...] O homem se aperfeiçoa com a assimilação de experiências ficcionais antecipadoras ou reveladoras de dimensões e situações para além de seu mundo comum. E “assim como a saúde precisa de ser conservada mediante o alimento e o exercício, parece que a saúde psicológica tem de ser conservada no decorrer da própria vida, mediante a ‘alimentação’ e nível de símbolos afetivos: pela Literatura, que nos conduz a novas fontes fruição; Pela Literatura, que nos faz sentir que não estamos sozinhos em nossa miséria; pela Literatura, que expõe nossos problemas a uma nova luz; pela Literatura, que sugere novas possibilidades e nos abre novos campos de experiências; pela Literatura, que nos fornece uma grande variedade de ‘estratégias simbólicas’ mediante as quais nos tornamos aptos a circunscrever as nossas situações”.

Dessa forma, a literatura tem o poder de conservar nossa saúde psicológica, de ser remédio para nossas angústias, companhia nos momentos de “solidão”, pode nos fazer questionar e refletir acerca do mundo em que vivemos, dos problemas enfrentados no meio social. Segundo Candido (2011), a literatura humaniza o homem, na medida em que, através da ficção, coloca-o diante de situações que o instigam à reflexão dos problemas sociais, além de confirmar no homem alguns traços julgados como essenciais, como a reflexão, a aquisição do saber, boa disposição com o próximo, ser capaz de penetrar nos problemas da vida entre outros.

É através do contato com a literatura que somos capazes de ler o mundo à nossa volta, refletir e agir criticamente sobre ele. Vários autores defendem essa visão, cada um à sua maneira. Dentre eles, Lajolo (2008, p.15) nos diz que lemos “para entender o mundo, para viver melhor. Já Cosson (2020, p. 17) afirma que “a literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos”, pode-se pensar ainda que o ato de ler é, dismantelar a cabeça, quem lê estrutura e destrutura universos, repensando aqueles conceitos já enraizados (VENTURELLI, 1990). Ou seja, o ato de ler não é algo isolado, o contato com a literatura a partir da leitura expande o intelecto humano para compreensão de si e do mundo.

Ainda dialogando com essa definição, no capítulo “Protocolos ficcionais” parte do livro “Seis passeios pelos bosques da ficção”, Eco (1994) defende que é importante lermos obras fictícias, pois é através delas que procuramos dar sentido à nossa vida, pois somos leitores de tudo que acontece ao nosso redor. É através dessas leituras que desenvolvemos nosso senso crítico, ao mesmo tempo que sentimos prazer com a leitura.

As palavras dos poetas e as narrativas dos romancistas dão forma aos sentimentos do homem, fazem sonhar, inquietam, (TODOROV, 2020). O ato da leitura, por fazer o leitor se colocar no lugar dos personagens e vivenciar emoções e paixões, promove um deslocamento de perspectiva, fazendo da literatura uma forma eficaz de convencimento e moldagem de opiniões, ou seja, uma ameaça à vontade de dominação (FRANCHETTI, 2021).

E por isso “não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação” (CANDIDO, 2011, p. 176). A literatura tem o poder de enriquecer a capacidade de uma pessoa de refletir sobre a realidade em que vive, se posicionar diante de conflitos, não se sujeitar a crueldades e injustiças, na verdade sempre lutar por seus direitos.

Ainda seguindo o pensamento crítico de Candido (2011, p. 176), ele afirma ainda que “são bens incompreensíveis não apenas os que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual , e nesse aspecto ele configura a arte e a literatura como bens incompressíveis, ou seja, que não podem ser negados à população. Não pode ser negada porque:

a Literatura fornece um tipo singular de experiência, portanto trabalha com a imaginação, que produz formas de vida *possível* e diferente da nossa. E tal experiência, corrida no contacto com a imaginação criadora do escritor, enriquece nossa maneira de ver a realidade, uma vez que a Literatura, caminhando antes da vida, lhe vai insinuando os rumos que podem trilhar. Desse modo, o homem se aperfeiçoa com a assimilação de experiências ficcionais antecipadoras ou reveladoras de dimensões e situações para além de seu mundo comum (MOISÉS, 1987, p. 43, grifo do autor).

Desse modo, é através da literatura que é possível trilhar com mais leveza o caminho da vida, que é complexo, repleto de mudanças, desafios e dúvidas que podem ser mais bem compreendidas quando se consegue fazer uma leitura sensível e sábia da situação real, buscando assim a melhor alternativa de lidar com o problema, uma capacidade exercitada pela leitura literária, na qual contém múltiplas possibilidades de vivências ficcionais.

Não basta que o “homem do povo” tenha acesso à literatura de massa, canção popular, folclore, é necessário que tenha também acesso à literatura erudita, que, como afirma Candido (2011), ela não pode ser restrita apenas a pequenos grupos da sociedade, os mais

privilegiados. É necessário que haja fruição da arte e da literatura em todos os níveis e modalidades como um direito inalienável.

Se o acesso à educação básica é um bem garantido a todos por lei, o direito à literatura também precisa ser assegurado à população de forma mais efetiva, pois ambos se enquadram como bens incompressíveis, aqueles inegáveis ao homem. No entanto, essa garantia não pode ser reconhecida apenas legalmente, as ações práticas de expansão do acesso à literatura a todos pode incluir aqueles que não tiveram acesso à educação e pertencem às classes menos favorecidas, que, por esse motivo, são impedidos de chegar às obras eruditas (CANDIDO, 2011). As práticas de incentivo à leitura na sala de aula garantem o acesso de todos a esse bem (a literatura), essencial para a formação humana.

porque ensinar literatura é ensinar a ler e, nas sociedades letradas, sem leitura não há cultura; porque a capacidade de leitura não é inata, mas adquirida; porque os textos literários podem incluir todos os outros tipos de texto que o aluno deve conhecer, para ser um cidadão apto a viver em sociedade; [...] porque a literatura é um instrumento de conhecimento do outro e de autoconhecimento; porque a literatura de ficção, ao mesmo tempo que ilumina a realidade, mostra que outras realidades são possíveis, libertando o leitor de seu contexto estreito e desenvolvendo nele a capacidade de imaginar, que é uma necessidade humana e pode inspirar transformações históricas; porque a poesia capta níveis de percepção e de fruição da realidade que outros tipos de texto não alcançam. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p.65-66, grifo nosso).

Na citação acima, a autora traz um compilado a partir do seu estudo sobre vários outros pensadores, ideias que clareiam os motivos pelos quais o ensino de literatura é essencial para a formação humana.

Assim, podemos afirmar que para compreender melhor o porquê da importância da literatura na vida das pessoas, vale investigar como a literatura é vista e trabalhada na escola. É imprescindível acreditar que a escola é o espaço de formação humana, de interação e da construção do pensamento crítico, pois a escola tem um importante papel na apresentação e aprofundamento dos textos e dos estudos literários aos alunos. Nesse processo, devemos considerar sempre e levar em consideração a bagagem de conhecimento que cada um já leva de seu mundo particular e coletivo, do contato com as coisas do mundo, e de como a literatura forma, a partir da palavra, a vontade de (re)inventar a própria palavra.

3. ENTRE O PRESENCIAL E O REMOTO: A SALA DE AULA DE LITERATURA E A PRESENÇA DO TEXTO LITERÁRIO

3.1. O que a escola faz do texto literário

[...] palavras que não são para ser entendidas, são comida para ser comida: o caminho da poesia.

(ALVES, Rubem, 2001, p. 27-28 *apud* ANTUNES, Irandé, 2003, p. 71).

O trabalho em sala de aula com a literatura é desafiador por diversas razões, uma delas deve-se à variedade de gostos e interesses particulares de cada estudante. É certo que em algum momento da aula a literatura pode despertar interesse no educando. Como nos exemplifica Franchetti (2021) na prévia do seu livro *Sobre o ensino de literatura*, quando nos conta de sua experiência como professor de literatura numa escola de química, e a maneira como ministrava suas aulas, a impressão que ficou para ele em relação aos alunos é que “em algum momento a literatura passou a ser algo relevante, ponto de emoção, prazer, riso, ternura” (FRANCHETTI, 2021, p. 10). Percebemos que essa turma de alunos, mesmo sendo de uma área diferente, pôde vivenciar uma experiência literária a partir das aulas do professor.

O exemplo citado acima está inserido numa realidade do ensino presencial. No entanto, temos outras possibilidades de ensino, uma delas é a modalidade de ensino remoto, advinda das necessidades urgentes para a educação básica por causa da pandemia provocada pelo Covid-19. Lidar com esse desafio foi algo difícil para a comunidade escolar em geral. Focalizando o papel do professor, este se viu diante da dificuldade em aprender a utilizar novas ferramentas didáticas, planejar e ministrar aulas observando as peculiaridades de uma realidade completamente diferente do modelo presencial de aulas.

É válido trazer aqui um exemplo de como professores encontraram um caminho para que o ensino de literatura encontrasse uma saída, novas possibilidades de continuar sendo algo que o público leitor pudesse ler e refletir sobre a nova realidade, pois:

a literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver” (TODOROV, 2020, p.76).

Diante disso, na proposta da experiência a seguir, a leitura foi uma das saídas para que a mente das pessoas envolvidas no projeto continuasse a ver o mundo sob uma ótica reflexiva e que transportasse para outras realidades e ao mesmo tempo promovesse o bem-estar mental.

Algo muito sério, pois nesse período pandêmico a saúde psicológica das pessoas foi muito afetada.

Nessa perspectiva, no artigo intitulado “Literatura em tempos de pandemia: leitura e afeto em encontros literários”, as autoras Lottermann e Pinheiro (2022) defendem a importância da tecnologia como ferramenta importante para que as pessoas pudessem superar o isolamento social nos tempos pandêmicos, aproximando pessoas distantes umas das outras. Aliada a isso, os grupos virtuais de estudos literários espalhados pelo país ajudaram psicologicamente muita gente, ou seja, a literatura através desses grupos cumpriu um papel importante para sociedade em pânico. No artigo, analisaram o surgimento e o desenvolvimento de dois grupos on-line, um deles formado por mulheres heterogêneas em diversos aspectos, que se reuniam e estudavam textos literários. Textos escolhidos pelas integrantes, alguns com a escrita complicada, mas compreendida e discutida entre elas, dialogando com as complexidades da vida possibilitando assim sua compreensão.

Tais exemplificações estão situadas em diferentes locais e realidades diferentes. Algo semelhante ocorreu com a presente pesquisa, apenas com uma pequena diferença, as duas experiências de estágio se deram na mesma escola. Assim foi possível observar como professores e alunos da Escola Municipal de Educação Básica Monsenhor Aloísio Viana Martins atuaram no ensino presencial e na modalidade virtual (ensino remoto), e em quais circunstâncias o ensino de língua e literatura foi possível.

Em ambas as modalidades, é válido propor o questionamento tomando como base as aulas específicas de literatura. Apenas o título e a existência da disciplina no currículo escolar não significa aceitar que realmente os alunos estão assistindo à aula de literatura. Em alguns casos, o texto literário é utilizado, por exemplo, para ensinar gramática ou interpretação textual. Aprofundaremos essas problemáticas ao longo do capítulo.

Esses enfoques seguidos nas aulas de literatura são de alguma forma orientados por determinado objeto, como o livro didático, projeto da escola e documentos oficiais. As sugestões de leitura que surgem em sala de aula são orientadas por esses mesmos objetos ou para além deles.

A escola como instituição responsável pela formação humana através da leitura e escrita, considera o domínio das competências linguísticas como importante, pois é através delas que o sujeito é capaz de expor seus conhecimentos e se posicionar sobre determinado assunto.

Para o cidadão assumir uma postura crítica em suas relações em sociedade, precisa ser letrado. Isso significa dizer, tomando como base o conceito de letramento proposto por Soares

(2012), que, para além de saber ler e escrever, tarefa de decodificação do texto escrito, a pessoa precisa ser capaz de utilizar-se da leitura e escrita e das práticas sociais, que de fato conseguiu se apropriar da escrita.

Tomando como base o texto literário, este possibilita que o sujeito conheça realidades diferentes da sua, a reflexão, e desenvolvimento da sensibilidade acerca do mundo ao redor, ressaltando que é na escola que democraticamente a literatura deve ser explorada como um bem comum e de direito de todos. A escola é o lugar onde o contato com o texto literário deve ser trabalhado com os alunos de maneira estimulante e constante.

Entretanto, o que se presencia nas escolas é o “consumo rápido dos textos, ao passo que a troca de experiências, as discussões sobre os textos, a valorização das interpretações dos alunos tornam-se atividades relegadas a segundo plano” (SILVA, 2006, p.515). Essa realidade também é percebida na Escola Municipal de E. B. Mons. Aluísio Viana Martins, em Mata Grande, Alagoas. De fato, nos momentos que os alunos tinham a oportunidade de ter o contato com o texto literário, o curto tempo de aula específico para esse estudo impossibilitava um aprofundamento maior com o estudo literário.

Vivemos em um modo acelerado, característico do período tecnológico atual, não significa dizer que o texto literário passe pelas vidas das pessoas (alunos) tão rapidamente também. É válido deter uma atenção e dedicação maior ao processo da leitura literária, em certa medida pelo fato de justamente ajudar a compreender também essa imediatez e complexidade do mundo em que vivemos.

Em relação ao incentivo da leitura que a escola oferece, Cereja (2005) afirma que, independente da maneira como o professor conduz sua aula de leitura, ele assume o importante papel de formador de leitores e do gosto literário. Na verdade, podemos dizer que existe uma gama de possibilidades para se trabalhar com o texto literário, cada uma buscando alcançar um objetivo específico. Não é proibido fazer uso dessa diversidade, porém, requer-se certo cuidado para não engessar o ensino adotando com frequência uma maneira em detrimento das outras.

Quanto mais cedo um indivíduo é inserido na vivência com o texto literário, melhor irá compreender-lhe a importância ao longo da vida, ao mesmo tempo que vai cultivando o gosto pela leitura. Daí a importância desse trabalho pela formação escolar. É comum perceber que alguns estudantes só passam a ter um contato com o texto literário de fato na escola. Então, assim como as demais áreas do conhecimento, a literatura deve ser vista como ação pedagógica primeira para a formação humana, pois ela fornece um conhecimento ampliado, incentivando a leitura e oferecendo um conhecimento textual e literário como um direito a

todos. Na verdade, percebemos que, diante da convivência no espaço escolar, raramente um estudante terá oportunidade de estudar literatura com mais profundidade fora da escola, uma vez que, como afirma Alves apud Irlandé (2003), citado na nossa epígrafe desta seção, a escola deve construir um ensino, não só oferecer palavras para serem entendidas, mas comidas, devoradas, pois isso é um caminho para se perceber a poesia na sala aula de língua portuguesa.

Para o trabalho com o texto literário, os responsáveis pelos alunos e a comunidade escolar são importantes nesse processo que visa desenvolver no indivíduo o gosto pela leitura literária. Enquanto algumas famílias colaboram com o ensino e incentivo a literatura, a grande maioria das famílias não desenvolve essa tarefa, porque veem a literatura como perda de tempo e desnecessária, ou por condições financeiras precárias que inviabilizam a iniciativa (FAGAN, 2017). É claro que existe uma grande diversidade de realidades na estrutura familiar contemporânea., daí o grande desafio de desenvolver o trabalho em sala aula com todas essas diferenças.

No contexto vivenciado na escola, campo de pesquisa deste trabalho, percebeu-se um outro fator predominante em relação à presença da família como um dos protagonistas no incentivo à leitura literária. Boa parte dos responsáveis dos alunos mostram-se preocupados com a educação dos filhos, principalmente em relação à leitura. Frequentemente os professores recebem questionamentos dos pais em relação ao modo como seus filhos estão desenvolvendo essa habilidade e quais suas dificuldades.

Com relação à influência familiar na formação do leitor, Freitas (2017) traz, no recorte do trabalho dissertativo de conclusão da Pós-Graduação de 2013, uma pesquisa realizada com estudantes iniciantes do Curso de Letras da Universidade da Paraíba, no qual aborda as influências negativas e positivas em relação à leitura, tanto em relação à família quanto aos professores. A partir dos dados coletados, observou-se que os integrantes da família dos estudantes, mãe, tia e irmão aparecem constantemente como responsáveis por proporcionar aos estudantes experiências incentivadoras ou desmotivadoras no processo de iniciação ao mundo da leitura.

Na verdade, podemos afirmar que algo curioso na pesquisa realizada pela autora é a semelhança em vários relatos dos alunos, exemplificando os gibis, na maioria das vezes disponibilizados por alguém próximo, como uma das primeiras leituras e responsáveis pelo encantamento com a magia de ler. Mesmo aquelas famílias que não conseguiram completar os estudos básicos, não significa que não possam participar da formação do leitor literário através do incentivo da leitura, um dado que também apareceu na pesquisa. Esse incentivo

pode contribuir para que os novos integrantes da sociedade tenham a oportunidade de vivenciar as práticas leitoras de fato, oportunizando-os a algo que seus antecedentes não tiveram no passado.

Com base nisso, há a possibilidade de a escola e a família do alunado trabalhem juntos no esforço de incentivar os alunos a ampliar esse contato e o gosto pela literatura. Pois, segundo Cereja (2005), o gosto pela leitura é facilitado pelo contato com os livros e a maneira diversificada e dinâmica como a obra é trabalhada em sala de aula pelo professor, através de debates, teatro, vídeo, música. Dessa maneira, o que é lido e estudado vai fazendo sentido à medida que dialoga com outras linguagens tão íntimas e que também fazem parte da vivência do aluno.

Nesse processo de formação do leitor, o professor é alguém que participa ativamente, estudando, lendo, expondo seu gosto com a sensibilidade e crítica que também espera que os alunos desenvolvam (MAGNANI, 2001). Diante de uma realidade tão diversa, sabe-se que existem profissionais que estão na contramão desse fator colocado pela autora acima. Um dos grandes desafios enfrentados no sistema educacional é justamente ampliar as atividades de aprimoramento destes profissionais e manter os mesmos motivados em sua atividade formativa. O professor é parte muito importante no processo de incentivo e desenvolvimento do gosto pela leitura em seus alunos. Se o professor não lê, como poderá tecer comentários sobre obras, fazer sugestões de acordo com interesse dos alunos.

3.2. O que o aluno faz do texto literário

Consideramos nesse momento o aluno como um dos protagonistas deste programa denominado ensino de literatura. Quando se fala em ensino, pressupõe-se que exista alguém na coordenação da tarefa e outro presente na mesma cena para aprender e construir o aprendizado juntos.

O presente trabalho tem como delimitação o ensino fundamental, no entanto uma pesquisa citada a seguir contribui bastante com a compreensão dos desafios enfrentados pelo ensino de literatura como um todo. Com base nisso, é válido buscar informações de como a aula de literatura é recebida pelos alunos na escola. A pesquisa realizada por Cereja (2005), com o intuito de compreender como o ensino de literatura tem sido desenvolvida no ensino médio em escolas paulistanas, demonstra que:

[...] o aluno, segundo ele declara, não suporta mais aulas unicamente expositivas, que o excluem do processo de aprendizagem. Sua preferência

tem sido por aulas dialógicas, nas quais ele tenha voz e direito à construção do conhecimento, mesmo que isso implique maior trabalho e envolvimento de sua parte (CEREJA, 2005, p.53).

Essa necessidade de o aluno ter voz nesse processo do ensino é algo pertinente e também problematizado por Silva (2006), ao afirmar que devido ao fato de o objetivo final da leitura é fazer parte da avaliação final, no qual o aluno precisa ler para poder realizar os exercícios, a leitura por obrigação ocasiona um apagamento do sujeito (aluno) como produtor de textos.

Através da leitura, o aluno pode desenvolver melhor sua individualidade, sua segurança sobre seus próprios sentimentos, construindo e reconstruindo opiniões críticas em relação à sociedade e aos problemas da realidade vivenciada no mundo atual. No entanto, questionamos aqui se de fato essas possibilidades fazem parte do processo formativo literário dos estudantes, uma vez que trabalhar com a leitura em sala de aula enfrenta esse grande desafio, a resistência por parte dos alunos, pois para a maioria ler em sala de aula é muito difícil e não faz sentido (KLEIMAN, 2016). Se o objetivo final da leitura é puramente avaliativo, como mencionado no parágrafo anterior, é um entrave para que o aluno tenha aversão à leitura.

Silva (2006, p. 518) complementa ainda que “a aversão de muitos alunos à prática da leitura vivenciada no contexto escolar também é reflexo das concepções tradicionais de ensino que ainda resistem em algumas escolas”. Não é necessário desconsiderar uma concepção completamente em detrimento de outra, mas compreender que equilibrar e adequar cada uma de acordo com as circunstâncias solicitadas em cada objetivo de aprendizagem pode melhorar a qualidade de ensino ofertado pela escola.

Podemos compreender a partir do exposto acima que tais fatores colaboram para o desinteresse dos alunos em relação às aulas de literatura, reconhecendo, neste momento, que existem outras circunstâncias que dificultam a aproximação do indivíduo com a literatura e seu aprendizado, como um ambiente familiar desestruturado e difíceis condições de vida. Essa percepção demonstra e revela a dificuldade, mas não impede que ações capazes de ajudar os alunos a superarem essas dificuldades sejam desenvolvidas dentro da escola. Nesse sentido:

As leituras de que o aluno gosta podem ser trazidas para a sala de aula, como ponto de partida para a reflexão, análise e comparação com outros textos (inclusive os produzidos pelos próprios alunos). E esse trabalho Inicial até pode ser feito com a literatura trivial ou com a história em quadrinhos, por exemplo. *Saber por quê o professor ou o aluno gosta ou não desse tipo de texto é um caminho para o crescimento* (MAGNANI, 2001, p.140, grifo nosso).

De fato, apenas conhecendo o gosto literário dos alunos, o professor pode atuar melhor na escolha de textos e obras que sugere em suas aulas. Assim, a recepção positiva em relação à leitura tende a ser mais frequente, assim, como diz ainda Magnani (2001), “um caminho para o crescimento” dos saberes literários tanto dos alunos quanto do professor.

Portanto, refletindo sobre isso, questionam-se as práticas de ensino em situações críticas como a pandemia. Se, antes, as escolas estavam amparadas de métodos pedagógicos tradicionais, que engessam e dificultam a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno, com a necessidade de rapidamente aprender novas práticas metodológicas a serem utilizadas através dos recursos tecnológicos, há de se pensar até que ponto esses avanços chegaram em relação ao ensino.

4. A PRESENÇA DO TEXTO LITERÁRIO NA ESCOLA MUNICIPAL DE E. B. MONS. ALUÍSIO VIANA MARTINS

4.1. Problemas do ensino de literatura na escola

Ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer de nossas aulas.

(LAJOLO, Marisa, 2008, p.15)

Durante o desenvolvimento da pesquisa foi possível observar o trabalho didático em dois contextos distintos, um antes (ensino presencial) e um pós-pandemia (ensino remoto) na Escola Municipal de Ensino Básico Monsenhor Aluísio Viana Martins, em Mata Grande, Alagoas. Em cada um, a proposta metodológica utilizada por toda a equipe pedagógica da referida escola foi pensada de acordo com as necessidades do contexto no qual estava situado. A partir das reuniões de planejamento que são realizadas periodicamente, os professores constroem um roteiro semanal de aulas baseado no livro didático e no planejamento semestral da escola.

Obtendo essas informações através dos diálogos com professores, coordenação e diretoria escolar, questionamos sobre a necessidade de ter nas discussões as orientações e parâmetros do Projeto Político e Pedagógico da escola. Diante disso, podemos afirmar que, em relação ao PPC da escola, que é um importante documento para toda comunidade escolar e no qual deve constar os caminhos para um ensino de qualidade, não conseguimos acesso a ele. De acordo com as informações fornecidas pela coordenação pedagógica da escola, ele estava em fase de elaboração. Mesmo sendo uma das primeiras escolas construídas no município, é um fato que chama bastante atenção. Por esse motivo, não se sabe qual o posicionamento político da escola em relação às aulas de Língua Portuguesa, mais especificamente como seria o trabalho com o texto literário em sala de aula, muito menos se sabe se há um acompanhamento da BNCC na aplicação das discussões curriculares e pedagógicas por parte dos gestores e dos professores.

Para o trabalho em sala de aula com o texto literário, a instituição segue as orientações educacionais indicadas pelo município por meio da Secretaria de Educação, que consequentemente segue os parâmetros nacionais de ensino, mas há uma disposição para que as ações educacionais sempre venham de cima para baixo, da Semed para a escola, e não o

contrário. Um dos materiais de orientação das aulas de Língua Portuguesa utilizados pelos profissionais é o livro didático. Os alunos geralmente recebem seus kits no início do ano escolar e levam para aula para acompanhar o assunto, para leitura de textos ou responder alguma atividade sugerida no material.

Durante as observações do estágio 01, realizado de forma presencial, observou-se com frequência a seguinte situação. Professor copiando na lousa um determinado assunto e os alunos copiando em seu caderno. Ou seja, o livro didático era utilizado apenas para alguns conteúdos. Nessa situação, o professor realizou um filtro na qualidade do conteúdo presente no livro didático disponibilizado pela escola e passou para os alunos a mesma aula, mas com uma abordagem diferente, ressaltando que, em certos momentos quando alguns textos literários aparecem durante as aulas, estão interligados com algum outro objetivo, como o reconhecimento de classes de palavras. Tais observações serão ampliadas no próximo tópico, com o auxílio de Antunes (2003) e Kleiman (2016), que trazem contribuições acerca do trabalho com o texto em sala de aula.

Outro fato que interfere diretamente nas aulas de literatura em sala de aulas é a árdua jornada de trabalho de um professor de língua portuguesa da escola pública. Como exemplo, tem-se a escola campo de estágio. A instituição conta com apenas 4 professores de Língua Portuguesa para atender todo o público recebido. Assim fica difícil preparar, estudar e planejar muitas aulas durante a semana para várias turmas diferentes. Além disso, o desafio se amplia, como o professor pode ler, estudar textos literários, fortalecer em si essa relação de proximidade, para que possa ser também um incentivador da leitura para seus alunos. No processo de desenvolver o gosto pela leitura, o professor possui um papel importante, é então:

concomitantemente, alguém que participa ativamente desse processo; *alguém que estuda, lê e expõe sua leitura e seu gosto*, tendo para com o texto a mesma sensibilidade e atitude crítica que espera de seus alunos. Para seu trabalho prático, os critérios de seleção de textos devem ser, entre outros, aqueles decorrentes da sua “frequência de leitura” (MAGNANI, 2001, p.140, grifo nosso).

Daí, temos em mão um grande desafio. Como trabalhar a literatura consta no planejamento da escola, o processo precisa de alguma forma cumprir com a demanda. O professor tenta dentro das condições possíveis, suprir essa necessidade. Para isso se vale do livro didático, por exemplo, como um dos materiais disponíveis. Além do planejamento de aulas ser íntimo das obras literárias através da leitura, buscando formas inovadoras de trabalhar com os alunos, faz parte (ou deveria) da rotina do professor, na busca de sensibilizar os alunos para o texto literário e seu papel transformador.

Esse contato dos alunos com os textos não deve acontecer de forma aleatória, os objetivos precisam estar bem claros no planejamento, cuidando para que as estratégias propostas cumpram com a demanda de despertar o interesse, superar dificuldades no processo de leitura e, conseqüentemente, levar ao amadurecimento do leitor.

O Estágio Supervisionado 3 acontece na mesma escola, no período de pandemia do Covid-19, cumprido dentro dos parâmetros do (ensino remoto):

essa expressão "ensino remoto" vem sendo usada como alternativa à Educação a Distância, pois a EaD já tem existência regulamentada coexistindo com a educação presencial como uma modalidade distinta oferecida regularmente. Então, o "*ensino remoto*" é posto como um *substituto do ensino presencial* excepcionalmente nesse período da pandemia em que a educação presencial se encontra interdita (SAVIANI, 2020, p.5, grifo nosso).

Durante esse período de ensino remoto, a escola e os professores precisaram repensar suas práticas metodológicas, alfabetizar-se tecnologicamente em recursos digitais que seriam necessários para ministrar aulas virtuais.

Dentre alguns destaques observados, o livro didático permanece como um instrumento orientador para o professor. Geralmente durante os encontros virtuais, o livro didático estava ali ao lado como apoio para o desenvolvimento da conversa com os alunos. Em uma das aulas a proposta era recordar alguns gêneros, como a fábula, tirinhas, bilhetes, entre outros. Algo realizado de forma breve através das explicações do professor e pelo conteúdo presente no material disponibilizado aos alunos uma semana antes.

Os pais ou responsáveis compareciam semanalmente à escola para receber as atividades impressas para os alunos responderem em casa e assim acompanharem as aulas virtuais pelo material. Essa foi a estratégia utilizada pela escola para minimizar o contato físico e a quantidade de pessoas no mesmo espaço, devido à pandemia.

Durante o período com ensino remoto, apenas uma equipe reduzida frequentava a escola. Inclusive o professor fazia uso da instituição para realizar os encontros virtuais com os alunos, por ser um ambiente mais silencioso e mais adequado que sua casa (ambiente movimentado e muitas vezes com vários ruídos que dificultam a audição nos meios tecnológicos).

A escola não oferecia muito amparo tecnológico para que os professores realizassem suas aulas. Dispunha apenas de uma sala individual, silenciosa, contendo uma mesa, cadeira e computador. Para apoiar o celular durante a aula era necessário improvisar com o que havia disponível no momento. Uma realidade para muitos professores no município, bem como para o próprio estado e muitos lugares no país.

Expostas essas considerações iniciais acerca da presença do texto literário e algumas características peculiares a cada um dos contextos vivenciados durante o estágio, cabe agora trazer uma visão mais criteriosa em relação ao que foi observado e apresentado aqui.

4.2. O isolamento do texto e os significados do texto literário

Durante as aulas de Língua Portuguesa na escola, no período dos dois Estágios Supervisionados, elas foram observadas com um olhar atento para a maneira que o texto literário é utilizado em sala de aula. No primeiro estágio foi possível essa observação com mais efetividade; já no Estágio 3, devido às circunstâncias do momento, o trabalho com a literatura em sala de aulas foi ainda mais desafiador.

Foi comentado brevemente que durante as aulas de Língua Portuguesa, quando um texto literário era objeto de estudo, servia como oportunidade para trabalhar aspectos gramaticais, como o reconhecimento das classes de palavras. O objetivo da referida aula do dia 18 de junho de 2019 com a turma do 7º ano D foi trabalhar o advérbio. O assunto foi copiado na lousa e a introdução do conteúdo foi a sugestão de leitura do poema de José Paulo Paes “Lisboa: aventuras”.

Tomei um expresso	Cheguei de foguete
Subi num bonde	Desci de um elétrico
Pedi cafezinho	Serviram-me uma bica
Quis comprar meias	Só vendiam peúgas
Fui dar à descarga	Disparei um autoclisma
Gritei "ó cara!"	Responderam-me "ó pá!"
	Positivamente

As aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá

(PAES, 2003 apud WILLIAM & THEREZA, 2008)

Em seguida, um questionário explorando a interpretação textual, localizando palavras com sentidos específicos e pedindo uma explicação ao aluno. Na aula seguinte, para conceituar cada um dos tipos de advérbios, utilizou-se exemplos de palavras contidas no poema e que coincidentemente eram respostas de algumas perguntas do questionário.

Nesse caso, “uma atividade de leitura cuja interpretação se limita a recuperar os elementos literais e explícitos presentes na superfície do texto” (ANTUNES, 2003, p.28), em vez de explorar os aspectos literários que um poema solicita, no trabalho de leitura e análise.

A escolha para esse tipo de atividade, proposta no livro didático utilizado em sala de aula, está entrelaçada com uma concepção do texto como um “conjunto de elementos gramaticais”, que resulta na leitura gramatical na qual o texto é utilizado

para desenvolver uma série de atividades gramaticais, analisando, para isso, a língua enquanto conjunto de classes e funções gramaticais, frases e orações. Os livros didáticos estão cheios de exemplos em que o texto é apenas pretexto para o ensino de regras sintáticas, isto é, para procurar adjetivos, sujeitos ou frases exclamativas” (KLEIMAN, 2016, p.25).

Assim, percebemos a utilização do texto literário como pretexto para aula de gramática. Para além disso, seria relevante enfatizar a importância da leitura literária para a vida, explorando com mais propriedade o aspecto lírico, criativo e subjetivo que o gênero em questão pode oferecer.

Um segundo caso que chamou a atenção foi durante a aula do dia 20 de agosto de 2019 na mesma turma anterior. A proposta da aula foi trabalhar o gênero textual poema, a professora explicou no quadro de maneira técnica o conceito, e como funciona a rima, com a participação dos próprios alunos. Embora alguns não tenham levado a sério, o modo didático de mostrar como a rima é construída surtiu efeito: vários alunos participaram dando exemplos de rima. Logo depois, a professora pediu que os alunos produzissem um poema curto, de tema livre com duas estrofes e rimas, criando um título para ele.

A discussão acerca do poema poderia ser ampliada consideravelmente, pois esse gênero literário não necessariamente deve ter rima para ser considerado como tal. Existe uma vasta variedade de poemas, possuindo diferentes tipos de ritmo, metrificacão e organizaçãõ em versos diferentes, como nos ensina Goldstein (1999, p. 15) no livro “Versos, sons, ritmos”, quando nos mostra que:

Dado o primeiro passo - a análise rítmica -, será preciso que o leitor prossiga, estabelecendo relações entre o aspecto rítmico e os demais aspectos do poema: vocabulário, categorias gramaticais predominantes, organizaçãõ sintática, figuras. Ele deverá tentar perceber como se processou não só a escolha ou seleção de palavras, mas também a combinaçãõ que aproximou certas palavras umas das outras, visando ao efeito poético.

Como demonstrado acima, falar sobre poema é falar sobre uma construçãõ do texto lírico sob diversas possibilidades organizativas das palavras. Entretanto, durante a aula comentada acima sobre a produçãõ escrita de um poema com tema livre, o elemento mais explorado pela professora em sua explicaçãõ oral foi a construçãõ de rima no final dos versos de um poema.

Foi observado que parte da turma conseguiu absorver essa propriedade do poema, no entanto, alguns continuaram a ter dificuldades para escrever seu texto. Como, “*ter o que dizer* é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever” (ANTUNES, 2003, p.45 – grifo da autora). Então, supõe-se que a aula careceu ainda de discussões temáticas que provocassem a imaginação criativa para o exercício da escrita. Temas problematizadores das condições sociais dos estudantes, do aspecto sentimental entre outros. De modo que pudessem observar através de exemplos de outros poemas, que é possível explorar diversas temáticas a partir da liberdade criativa que o poema permite.

Numa sequência de aulas do dia 27 de agosto a 10 de setembro de 2019, foi trabalhado em sala a produção de um outro poema, desta vez para ser apresentado durante o projeto da escola, com o seguinte tema: “o equilíbrio natural do planeta”. A escrita do poema deveria ser de acordo com o tema do projeto, com no mínimo duas estrofes, realizada em equipes de no mínimo três pessoas. No decorrer das aulas, fez-se uma explanação revisando as características do gênero, já discutidas em aulas anteriores, e dialogou-se brevemente sobre o tema indicado para a escrita.

A produção dessa tarefa demandou bastante tempo, uma das dificuldades foi o pouco interesse demonstrado pela turma. A maioria conversava bastante sobre assuntos não relacionados à tarefa. Foi bem difícil para a professora orientar e ouvir as dúvidas da pequena parcela de estudantes que tentavam desenvolver a atividade solicitada. Com frequência era necessário pedir silêncio à turma. Conflitos como esses mencionados acima fazem parte da difícil realidade encarada pelos profissionais da educação.

No dia de receber as produções escritas, ouviu-se a leitura das produções de cada equipe, analisou-se cada texto e sugeriram-se correções de erros gramaticais. Parte da turma não realiza a tarefa sob a justificativa de não saber como fazer. Outros até escrevem, mas fogem do tema solicitado, o que foi considerado como erro pela professora e a escrita não foi levada em consideração. Quando um aluno se depara com uma avaliação como essa, encara o processo de escrita como algo difícil de ser produzido por ele, muitas vezes ocasionando desistência pelo processo de escrita, ou uma aversão sempre que se vê diante de uma tarefa parecida. Em determinadas situações, permitir que a criatividade do aluno se desenvolva estimulando sua escrita e indicando os caminhos de como prosseguir, é possível formar alguém confiante e sem medo do erro. Talvez falar para o aluno que aquela produção feita por ele não estava errada, apenas não estava de acordo com o tema, seria apenas necessário fazer os devidos ajustes, pois de fato havia compreendido como se dá a escrita de um poema.

Escrever já é uma tarefa que demanda atenção e esforço para o aluno, principalmente para aqueles que estão situados numa realidade difícil. Como foi possível perceber, nas duas situações em que a proposta da aula demandou a produção escrita de um poema, os alunos demonstraram dificuldades para escrever. Até mesmo na primeira situação, na qual o tema era de livre escolha do estudante.

Além das observações em aulas que trabalharam o poema em sala, foi possível também experienciar, durante o estágio 01, uma aula sobre o exercício da leitura. O texto foi escolhido pela professora, que, uma semana antes, orientou que os alunos levassem para aula o livro didático de Língua Portuguesa. A proposta foi uma leitura em voz alta de uma novela em quadrinhos, (adaptação de uma outra obra, não registrada em relatório, pois o acesso ao livro didático não foi possível), a leitura foi intercalada entre os estudantes, de modo que todos pudessem participar. O primeiro entrave enfrentado pela professora foi convencer os alunos a realizar a leitura, levou um tempo até os alunos aceitarem a atividade. Alguns consentiram ir para frente da turma e ler, para outros o medo era tão grande que preferiram realizar a atividade de suas bancas.

Foi perceptível o quanto a prática de leitura é algo bastante fragilizado. Um número considerável de estudantes apresentou dificuldades que já não deveriam ser uma realidade para alunos já do 7º ano do Ensino Fundamental. Pausas duradouras no momento da leitura em pontos não sugeridos pela escrita, soletrar com dificuldade as sílabas das palavras, não respeitando pontos e vírgulas presentes no texto foram alguns dos aspectos observados. Como observado na aula, os alunos apenas leram em voz alta, e a professora ouviu atentamente cada um. De fato, uma leitura de cunho avaliativo, algo que, nos termos defendido por Antunes (2003) e Kleiman (2016) essa prática da leitura escolar em voz alta acompanhada pelo professor, já inibe pelas circunstâncias do momento, o aluno, impedindo-o de um bom desempenho, inibindo em vez de formar leitores.

Dessa forma, seguimos o pensamento de Antunes (2019, p. 83), quando, fazendo referência ao pensamento de Candido, afirma que:

Pensar o ensino da literatura de sua perspectiva significa, assim, levar em consideração os seus pressupostos, a começar do rigor com que trata a forma literária, única maneira de compreender a literatura como meio de enriquecimento humano. Esse método, conforme suas primeiras lições, dadas no início de sua carreira como professor de literatura, consiste em estudar com os alunos, isto é, compartilhar com jovens em formação sua capacidade de ler e analisar textos literários e, ao mesmo tempo, extrair dessa experiência alimento para suas reflexões.

Assim, o percurso a ser trilhado pela professora é relativamente longo, pois exigirá paciência, persistência e mais tempo disponível para aulas de leitura literária, de modo que professor e aluno caminhem juntos nessa trilha de descobertas literárias, na qual o aluno conhece sua própria capacidade leitora, como abordado na citação acima.

Cada tipo de atividade deve ter o momento certo de ser trabalhado e de acordo com os objetivos desejados. Então, quando for o momento da leitura em voz alta, deve-se orientar os alunos a lerem “pausadamente”, “pronunciando bem as palavras”, “observando os sinais de pontuação” e explicar como esses recursos são importantes para facilitar a compreensão do texto (ANTUNES, 2003).

Uma possibilidade diferente da leitura em voz alta é aquela na qual se busca a apreciação estética da linguagem, como exemplificado por Kleiman (2016), sobre a aula de uma professora que utilizou a leitura em voz alta no formato de jogral, quando os alunos puderam perceber através da condução da professora a beleza sonora do poema que lembrava o som da chuva no poema “Enchente” de Cecília Meireles.

Chama o Alexandre! Chama!
Olha a chuva que chega!
É a enchente.
Olha o chão que foge com a chuva...
Olha a chuva que encharca a gente.
Põe a chave na fechadura.
Fecha a porta por causa da chuva,
olha a rua como se enche!
Enquanto chove, bota a chaleira no fogo:
olha a chama! Olha a chispa.
Olha a chuva nos feixes de lenha!
Vamos tomar chá, pois a chuva é tanta
que nem de galocha se pode andar na rua cheia.
Chama o Alexandre! Chama!

Ou seja, a depender dos objetivos pretendidos com o processo de leitura é preciso ter claro que existem planos diferentes de leitura. Um plano não se sobressai em detrimento de outro, todos oferecem aos leitores o desenvolvimento de habilidades diferentes que contribuirão para a formação leitora do estudante.

Aliado a essas diferentes possibilidades que a leitura oferece, Antunes (2003) em seu livro “Aula de português”, diz com propriedade que a leitura é formada por três planos distintos, o primeiro diz respeito à capacidade de “ampliação dos repertórios de informação”, nesse caso ler textos de outras disciplinas promove o aprendizado de novas informações. No segundo plano, se refere à leitura como experiência do prazer estético, sem cobranças, pelo simples gosto de ler, destinado aos diversos textos literários. O terceiro plano da leitura

mostra que a partir dela é possível ampliar o vocabulário, aprender os padrões gramaticais da língua escrita.

Assim, refletindo sobre a prática observada na escola, podemos afirmar que talvez ainda careça de investimentos em mais capacitações aos profissionais de Língua Portuguesa, visando atualizá-los nos estudos na área da linguagem, da literatura; bem como em estudos sobre a própria realidade escolar e sobre as necessidades (aqui falamos em sentido de mundo) dos alunos-leitores. De modo que com essas informações em mãos seja possível construir um planejamento contendo estratégias mais efetivas para suprir a carência de conteúdos que levem à prática e consciência do mundo dos alunos em cada um dos três planos de leitura mencionados acima. E claro, devemos compreender, pois, que o plano de leitura deve levar ao prazer à palavra, ou seja, à compreensão e ao conhecimento do mundo do aluno. À leitura literária, devemos colocar o desenvolvimento do gosto pela leitura, que precisa ter seu espaço próprio na sala de aula de língua portuguesa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de literatura tem um papel de fortalecer habilidades socioculturais e individuais no aluno, e proporciona ao docente uma relação de convívio de situações de descoberta, ou ainda de emotividade quando pensamos em utilizar o texto literário em sala de aula, como diz Irlandé (2003).

Os resultados da pesquisa deste trabalho são, de certa forma, o relato de uma experiência do convívio na escola com as disciplinas de Língua Portuguesa, que decorreram da observação e regência do Estágio Supervisionado, na Escola Municipal Educação Básica Monsenhor Aluísio Viana Martins, em Mata Grande, Alagoas. Dessa forma, observamos, por exemplo, a partir do pensamento de Ceccon (2013), que para realização de um estudo sobre a vida na escola, o Estágio Supervisionado 01 se mostrou um panorama necessário e técnico da escola recebedora, cujo objetivo era conhecer a estrutura da escola, quadro técnico, realidade social do público escolar, realização das aulas entre outros aspectos interligados a estes indicadores.

A realização da primeira atividade da disciplina, uma visita à escola para conhecer o espaço e equipe de trabalho, permitiu um primeiro contato com toda a equipe pedagógica, alunos(as) e professora das turmas nas quais o estágio ocorreu. Esse fator revelou que a maioria dos alunos que frequentava a escola são da Zona Rural do município. Eles demoram cerca de 30 a 40 minutos para chegar até a escola, cujo transporte era feito por uma D-20 e uma Van. Alguns desses alunos trabalham ajudando os pais na feira ou na roça. Mesmo tendo essas atividades extras, eles possuem tempo livre para se dedicarem aos estudos. Diante dessa realidade, percebemos o grande desafio enfrentado por estes estudantes para terem acesso à educação escolar.

Os alunos se relacionam uns com os outros de maneira amigável na medida do possível. A turma possui alguns grupos marcantes: a turma do fundão, que leva bastante tempo para realizar as atividades; aquela turma que gosta de brincar na hora da aula e que sempre fazia a professora pedir silêncio, ou o andamento da aula não seria possível; os mais dedicados, que se comportam bem e conversam bastante, mas nos momentos de explicação estão sempre atentos. De vez em quando, os alunos discutiam entre si, mas tudo se resolvia com a intervenção da professora. A relação entre aluno e professor é colaborativa, mesmo sendo turmas difíceis de lidar e de obter atenção deles, a professora consegue com afinco que a respeitem como profissional. Quando receberam a aluna do estágio para disciplina de Língua Portuguesa todos foram receptivos, educados e respeitosos.

Durante as observações das aulas no momento presencial, era curioso observar a postura dos alunos nas aulas, enfadados ou desmotivados em relação à disciplina. A proposta didática utilizada pela professora sempre que apresentava um texto literário para turma, não o fazia a partir do aspecto literário presente, mas sim de um ponto de vista mais gramatical e interpretativo, no qual o aluno coletava no próprio texto o que a questão solicitava, como foi discutido por Kleiman (2016) e também por Lajolo (2008).

Um dos poucos momentos em que a aula de Língua Portuguesa deu um primeiro passo para o incentivo à leitura literária (levando em consideração as observações dos dois estágios), foi a exceção de apenas uma aula e sua prática não seguiu caminhos para avançar, muito menos se repetiu durante o período de duração do estágio. Como relatado no último capítulo, os estudantes careciam de um reforço nesse aspecto, uma vez que a dedicação não foi possível e, talvez, ainda esteja longe da realidade escolar, tendo em vista a alta demanda de atividades que chegam para a escola executar, uma vez que era preciso fazer uma divisão equilibrada entre o tempo dedicado para aulas e para execução de projetos que demandam um esforço geral da equipe escolar.

Queremos ressaltar que todo o processo da prática pedagógica no Estágio Supervisionado 3 ocorreu diante da pandemia do Covid-19, isso foi um grande desafio para alguém que alimentava muitas expectativas para ter um segundo contato com os alunos daquela escola. Este estágio seria o de regência, no qual os estudantes de graduação do curso de letras têm a oportunidade de, junto com o professor, ajudar diretamente na condução e planejamento das aulas. No entanto, as condições impostas pela pandemia não permitiu o contato presencial, estávamos diante de um delicado processo de adaptação às novas alternativas. Diante disso, para que o curso continuasse, foi necessário passar por essa fase da regência de forma totalmente virtual.

Dessa forma, seguimos para o Estágio Supervisionado 03 que aconteceu na mesma escola, permitindo um olhar diferenciado, devido ao contato virtual, bem como o espaço de novidades e estranhamento no ambiente tecnológico. Isso provocou uma relação de conflito entre os espaços virtuais, mas, ao final do processo, percebemos que houve desenvolvimento nas aplicações do trabalho educacional e das condições sociais de uma parte dos estudantes.

A professora disponibilizava aos alunos que possuíam acesso aos recursos tecnológico e internet a versão digital das atividades propostas, algo que, durante o ensino presencial, não acontecia. O novo formato de ensino (remoto) levou a atualização dos recursos didáticos para a aula de literatura. Durante os encontros virtuais, os alunos tiravam dúvidas sobre a atividade e comentavam como foi o processo de leitura e produção da atividade.

Os demais alunos, que não tinham acesso à tecnologia e Internet, recebiam o material impresso, respondiam às atividades e devolviam-nas para que a professora lhes avaliasse o desempenho. Uma situação preocupante, pois após as correções das atividades a professora sentia falta do contato face a face com aluno, para que pudesse sanar as dúvidas e auxiliar na superação das dificuldades apresentadas na resposta das atividades escritas que recebia.

No capítulo 3 desta pesquisa, tem-se um exemplo de como o estudo do texto literário ainda foi algo possível através dos grupos on-line, no período da pandemia. No entanto, há uma ressalva para a realidade vivenciada pelos alunos do Ensino Fundamental da Escola Municipal Educação Básica Monsenhor Aluísio Viana Martins, em Mata Grande, Alagoas, bem como por aqueles de diversos locais no restante do país, que sofreram com a escancarada situação de desigualdade social e tecnológica em que se encontra o Brasil.

Essa desigualdade social e tecnológica foi, pois, de fato, um retrato de apenas uma parcela da população que podia ter acesso aos equipamentos tecnológicos e à Internet, uma vez que apenas na escola era possível participar de discussões em grupo, estudar e tirar dúvidas com o processo do ensino remoto. Como assegura Lottermann & Pinheiro (2022), podemos dizer que a pandemia do Covid-19 escancarou problemas, mas também nos fez refletir sobre essas possibilidades tecnológicas serem exploradas por todos e levadas em consideração como estratégias importantes para os estudos literários. A desigualdade social é um fator que interfere diretamente na educação, mais especificamente no acesso aos textos literários de forma democrática.

Se o acesso a esses bens materiais fosse realidade acessível para boa parte da população, talvez o contato da professora com os alunos fosse possível de forma mais efetiva, as participações durante as aulas virtuais seriam mais numerosas, mais alunos poderiam tirar suas dúvidas diretamente com a professora. Aquelos alunos que realizaram suas atividades de forma escrita, por não terem acesso à tecnologia e internet, poderiam ter um desempenho melhor em suas atividades.

Professor e escola, independente do contexto social e educacional, precisam levar para sala de aula diferentes recursos que, aliados ao livro didático, sirvam de base para um ensino de literatura mais atrativo e interessante aos estudantes e, atendendo na medida do possível, as condições da maioria dos estudantes. Em relação à utilização do livro didático, deve-se ter o cuidado para que o ensino de literatura não fique engessado apenas pelas sugestões prontas de atividades, fichas de leituras e (ou) lista de autores e obras a serem lidas. As estratégias metodológicas devem/deveriam acompanhar o desenvolvimento tecnológico, o contexto

social no qual o aluno está inserido, tendo em vista que esses fatores interferem na percepção e recepção do conteúdo.

Assim, como resultado da pesquisa, podemos dizer que esse desafio enfrentado pelos professores de Língua Portuguesa, não deve ser enfrentado sozinho pelo professor da área. A escola, como instituição formadora, também precisa compreender a importância do ensino de literatura como direito humano, como nos ensina Candido (2011), seja em aulas presenciais, seja em remotas. Essa compreensão pode ser convertida em ações que de fato permitam ao professor utilizar mais tempo para essas atividades, com toda a escola caminhando junto com o professor, tecendo estratégias metodológicas de incentivo à leitura.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Benedito. O ensino de literatura segundo Antonio Candido. **Via Atlântica**, São Paulo, nº 35, p. 69-85, jul./2019.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Gramática contextualizada: limpando “o pó das ideias simples”**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 9394/1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em fevereiro de 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2022]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 08 de setembro de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde: **Painel Coronavírus**. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>> Acesso em 23 de maio de 2023.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In: Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Brigada ligeira e outros escritos**. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

CECCON, Claudius. Org. **A vida na escola e a escola da vida**. OLIVEIRA, Miguel Darcy de; OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. 43. ed. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Idac-Instituição de Ação Cultural, 2013.

CEREJA, Willian Roberto. **Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura**. - São Paulo: Atual, 2005.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

COSSON, Rildo. O espaço da literatura na sala de aula. *In: Literatura: ensino fundamental*. Coord. PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 55-68.

DALVI, Maria Amélia. **Literatura na educação básica: propostas, concepções, práticas**. In. *Cadernos de Pesquisa em Educação - PPGE/UFES Vitória*, ES. a. 10, v. 19, n. 38, p. 123-140, jul./dez. 2013.

ECO, Umberto. Protocolos ficcionais. In.: _____. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FAGAN, Maria Rosangela Ananias. O texto literário e o gosto da leitura. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE**, 2016. Curitiba: SEED/PR., 2017. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_port_uem_mariarosangelaanancias.pdf>. Acesso em 17 de maio de 2023. ISBN 978-85-8015-093-3.

FRANCHETTI, Paulo. **Sobre o ensino de literatura**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

FREITAS, Raquel Monteiro da Silva. A influência da família na formação do leitor. In: SOUSA, Maria Ester Vieira de; SALES, Laurênia Souto (Org.). **Leitores, suportes, espaços e práticas de leitura da cultura escrita**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons e ritmos**. São Paulo: Ática, 1999.

GOMES, Irene; FERREIRA, Igor. Em 2022, analfabetismo cai, mas continua mais alto entre idosos, pretos e pardos e no Nordeste. **Agência IBGE Notícias**, 2023. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37089-em-2022-analfabetismo-cai-mas-continua-mais-alto-entre-idosos-pretos-e-pardos-e-no-nordeste#:~:text=3%2C4%25>> Acesso em 24 de agosto de 2023.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura**: Teoria e prática. 16. ed. Campinas, SP – Pontes Editores, 2016.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. 13. impr. São Paulo: Editora Ática, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** novas exigências educacionais e profissão docente. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LOTTERMANN, Clarice; PINHEIRO, Alexandra Santos. **Literatura em tempos de pandemia**: leitura e afeto em encontros literários. *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, São Paulo, v.40, n.85, p.77-92, 2022.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura**, literatura e escola. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. - (Texto e linguagem).

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. Tradução Isa Tavares. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: poesia. 10. ed. rev. São Paulo: Cultrix, 1987.

PAES, José Paulo. **Os melhores poemas de José Paulo Paes**. 5. ed. São Paulo: Global, 2003. p. 166.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. O ensino da literatura. In.: _____. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. O fim da literatura. In.: _____. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

POUND, Ezra Loomis. **A arte da poesia**: ensaios escolhidos [por] Erza Pound; trad. Heloysa de Lima Dantas e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

SAVIANI, Dermeval. **Crise estrutural, conjuntura nacional, coronavírus e educação** – o desmonte da educação nacional. **Revista Exitus**, Santarém/PA, v. 10, p. 01-25, 2020.

SILVA, I. M. M. Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar. In: **PG Letras 30 Anos**, 2006. Anais do PG Letras 30 anos, 2006.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. - 10ª ed. - Rio de Janeiro: DIFEL, 2020.

VENTURELLI, Paulo. **A literatura na escola**. Letras. Curitiba. N 39. p259 - 269 - 1990 - Editora da UFPR.

WILLIAM & THEREZA. **Gramática reflexiva**. 2. ed. reformulada. 6º ano. São Paulo: Atual Editora, 2008. p. 54-5.

ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. **Revista Via Atlântica**, São Paulo: Nº 14 DEZ/2008. P. 11-22.